



Brecheret: Encantamento e Força

Daisy Peccinini

O MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

Brecheret: Encantamento e Força

Daisy Peccinini

de 8 de junho a 10 de julho de 2017
abertura 8 de junho, quinta-feira, das 19h às 22h



MINISTÉRIO DA
CULTURA



REALIZAÇÃO

Dan Galeria
Instituto Victor Brecheret

1ª Edição, 2017

Brecheret: Encantamento e Força

Daisy Peccinini

A exposição

A exposição apresenta obras que definem as linhas de força da produção de Victor Brecheret (1894-1955). No espaço, vibram formas e volumes que testemunham os temas de sua predileção; que persistem, tomados e retomados no correr das quatro décadas de sua importante produção.

É evidente que o tema do feminino prepondera apresentando-se como um grupo marcante, com um número maior de obras, em contraponto com as poucas exceções de esculturas que representam o masculino e, mais ainda, a rara abordagem do tema do idílio, entre o masculino e feminino.

Um segundo também importante tema é o da arte indígena, considerando-se Brecheret um pioneiro, entre os escultores modernos, na pesquisa dos modelados e entalhes praticados pelos povos originais de nossa terra, que ele translada para as esculturas de modelagem da argila, com uma profunda sensibilidade das formas orgânicas.

A arte sacra, desde o início de seu percurso artístico, tem um lugar especial e suas pequenas e douradas virgens são exaltadas nos anos 1920 por críticos de arte da Escola de Paris. O tema sacro é recorrente em vários momentos das décadas seguintes, lembrando na década de 1940 o conjunto significativo da Via Sacra e das monumentais esculturas de Cristo Crucificado e de São Paulo, na Capela do Hospital das Clínicas, e outros temas usuais religiosos foram abordados, como Anunciação, Cristo, Maria, São Jerônimo e São Francisco, este último de sua predileção, representado de variadas formas, com animais e com instrumento musical.

Finalmente nesta apresentação de esculturas, destaca-se o tema dos cavalos aos quais Brecheret sempre teve uma grande paixão e deles fez presença importante, desde o primeiro projeto do *Monumento às bandeiras* (1920) até o projeto realizado (1933-1954), está presente também no *Monumento a Caxias*, quer na escultura monumental equestre, quer nos relevos da elevada base em granito. Marcam fortemente as fachadas do Jockey Club de São Paulo, em painéis de mármore travertino nos quais Brecheret realiza uma saga de vida e de vitórias nas corridas.

Nessa variabilidade de temas e códigos de formas de diferentes próprios de fases do percurso artístico de Brecheret, duas qualidades se impõem como marcas estilísticas permanentes do grande escultor: o encantamento e a força.

De fato, essas obras, que pertencem a diferentes momentos de sua copiosa produção, têm em si mesmas essas duas qualidades. Encantamento, uma especial sedução pela impecável fatura, fazendo os olhares deslizarem pelos volumes flexuosos, interagindo com a sensibilidade e prazer de cada um que os contempla.

Se de um lado existem encantamentos, por outro lado há conjuntamente a força, um élan que integra as partes numa pulsão centrífuga de modo que os volumes sedutores possuem força e tensão que os aglutina e geram uma aura monumental.

A apresentação das esculturas e desenhos de Brecheret na Dan Galeria seguem os eixos de força da produção do escultor.

Esculturas

O feminino, o masculino e o idílio

Tema preponderante, o feminino anuncia a sua forte presença na parte exterior da Galeria com a monumental *Morena*, e no interior o *Grande torso feminino*, bronzes que recebem o público como anfitriões do mais importante eixo temático de Brecheret.

As duas obras pertencem à fase dos grandes nus femininos, que tem início no final dos anos 1930, época em que se casa com a jovem Jurandyr Helena, que se torna musa inspiradora. São exemplares as belas e monumentais mulheres dispostas em locais públicos da cidade; como o bronze, *Depois do banho* (1940), no Largo do Arouche, e *Graça I* e *Graça II*, do mesmo ano, na Galeria Prestes Maia, na base da escadaria que conduz à Praça Martinho Prado.

Essa impostação feminina monumental persiste nos anos de 1950, com *Morena*, relacionada com o projeto do *Monumento às bandeiras*. A figura da índia apresenta uma sensualidade de formas cuidadosamente pesquisadas dos corpos femininos dos povos indígenas, não só das modulações dos quadris, como dos seios e o tratamento do rosto. A força do tema feminino assume um caráter emblemático em que a mulher extrapola a simples aparência corporal, ampliando significados e exótico encanto.

Grande torso feminino (c. 1939),
bronze, 188,5 × 51 × 46 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma*. São Paulo: IVB/MuBE, 2010. p. 33.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma — desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 2-3; p. 32; p. 35.



Morena (c. 1951),
bronze, 246 × 63 × 66 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma*. São Paulo: IVB/MuBE, 2010. p. 33.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: Imesp, 2011. p. 228.



Na exposição, o pequeno bronze *Ídolo*, uma das obras da juventude, é figura feminina simbólica e enigmática, catalizadora de significados transcendentais; ele trabalha a composição, imprimindo aos volumes uma tensão, visível pelo retesamento dos músculos e dinâmica dos volumes, mediante a torção do corpo e da cabeça e a expressão dramática do rosto.

Ídolo (c. 1919).
bronze, 35 × 47,5 × 20 cm.
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 228.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma*. São Paulo: IVB/MuBE, 2010. p. 35.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 90.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 20; p. 47.



Da mesma fase de *Ídolo*, de expressionismo dramático e heroico, *Cabeça de Mulher*, pedra de França, que apresenta o rosto de expressão contraída e os relevos acidentados dos mares e lóbulos frontais.

De olhos fechados, com os músculos da face e do pescoço tensionados, a cabeça descreve uma inclinação para a esquerda, em leve encurvamento.

Esse busto de traços fisionômicos bem marcados participou da exposição Semana de Arte Moderna de 1922 junto com a obra *Ídolo*.

Cabeça de mulher (c. 1920-1921),
pedra de França, 48 × 26,5 × 20 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma*. São Paulo: IVB/MuBE,
2010. p. 34.



Mulher ajoelhada é uma deliciosa figura feminina Art Déco. A composição de uma jovem apresenta uma sensualidade sutil, sua nudez é mal coberta por um panejamento que desliza de forma elegante, cobrindo parcialmente o corpo da jovem.

Os braços e as pernas se integram em torno de um eixo vertical, destacando-se a síntese formal buscada, na qual os elementos do corpo humano são estilizados geometricamente e articulados uns com os outros, como peças de engrenagem de uma máquina, marcando a convivência com Fernand Léger, seu amigo.

A banhista é uma escultura em pedra de França, que pertence à série *Banhistas* e *Mulheres ajoelhadas*, nas quais são sensíveis os elementos oriundos do Art Déco e do cubismo de Fernand Léger e do primitivismo de Constantin Brancusi, na cabeça de forma ovoide; nos braços e pernas, que são cilíndricos estilizados, lisos e luminosos, por a luz age sem quebras de relevos.

A composição está submetida a uma rigorosa disciplina geometrizarante, na qual a posição dos braços envolvendo o tronco aumenta a síntese formal. Não deixa de ser sedutora a finalização com a cabeça atirada para trás, expondo a face.

Mulher ajoelhada (c. 1925-1926),
bronze polido, 48 × 20 × 21,5 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret e a Escola de Paris*. São Paulo: IVB/FM Editorial, 2011. p. 83.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 39.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 87.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.



Banhista (c. segunda metade da déc. 1920), pedra de França, 80 × 35 × 50 cm.



O artista executou várias *Danseuses* por volta da metade da década de 1920, na corrente da Art Déco, pequenas e graciosas peças. *Danseuse (Dançarina)*, em bronze, recebe um tratamento diferenciado, com menos rigor geométrico. A figura compõe um grande arabesco com seu corpo, descreve uma linha flexuosa na passagem de volumes afuselados. A postura das mãos e dos pés em ponta dá o efeito de um deslizar rítmico e elegante de uma dança oriental.

Danseuses (Dançarinas) representa duas dançarinas idênticas dispostas em paralelo. Cada uma das composições testemunha a extrema habilidade técnica de Brecheret. Cada peça possui apenas um ponto de apoio, bastante frágil, a ponta do pé. Ele consegue colocar em absoluto equilíbrio a outra perna que se estende para frente e o tronco, cabeça e braços que a circundam, em leve inclinação para trás. Todos os elementos estão geometrizados, pernas e braços estilizados em cilindros. As superfícies lisas e polidas do bronze formam áreas luminosas e uniformes.

A obra reúne o encanto de graciosas figuras femininas em bronze e da base quadrangular que se apoia em uma pilastra dotada de uma delicada base em mármore róseo, constituindo-se em uma preciosa obra Art Déco.

Bailarina (Dançarina) (déc. 1920),
bronze, 35 × 14 × 7 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret e a Escola de Paris*. São Paulo: IVB/FM Editorial, 2011. p. 83.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma — desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 98.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma — desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 76; p. 82.



Danseuses (Dançarinas) (c. 1925),
bronze, 58 × 66 × 20 cm (obra),
88 × 45 × 27 cm (base),
coleção Instituto Cultural Capobianco.

A elegante e jovem figura em mármore, com o dorso ligeiramente encurvado e os joelhos levemente flexionados, postura já utilizada em *Virgem*, sustenta na mão direita duas pombas. Na composição *Adolescente*, Brecheret realiza as mais refinadas qualidades da Art Déco.

Composta de sensuais volumes cilíndricos e esféricos apresenta um número bem maior de elementos decorativos, cabelos delineados por ondulações; pregas de panejamento plissado em contraponto com a parte lisa e transparente e os pássaros que compõem uma deliciosa cena de pombos amorosos, observados pela jovem, que volta sua face lisa de traços orientais para eles.

Adolescente (c. 1929),
mármore, 178 × 34 × 31 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 94 e 95.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 29.
PECCININI, Daisy. *Brecheret e a Escola de Paris*. São Paulo: IVB/FM Editorial, 2011. p. 137.



O tema da mitologia grega das *Três Graças* — deusas da dança, da graça e do amor — símbolos da harmonia, chamadas cárites, foi várias vezes abordado por Brecheret. Essa obra do início da década de 1930 destaca-se por apresentar uma configuração nova da tríade das deusas, atribuindo outros significados.

As graças, na representação grega, formavam um círculo, unidas por uma dinâmica de doação, transmissão e de devolução de dons da natureza, enquanto para o escultor as figuras das graças simbolizam as três raças — negra, amarela e branca —, de acordo, com as teorias da época.

Constrói outra composição com forte sentido contemporâneo, unindo as três em um núcleo central da massa, pelos ombros, dando uma dinâmica de circularidade e união.

Desafia mentalidades da época, de acirrados nacionalismos e consequente discriminação racial, como o fascismo e o nazismo, que pregavam a superioridade da raça branca. Trata-se de um trabalho arrojado plástica e politicamente e uma exaltação à harmonia e à fraternidade.

Três Graças (início déc. 1930),
bronze, 37 × 15 × 13 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 111.
PECCININI, Daisy. *Brecheret e a Escola de Paris*. São Paulo: IVB/FM Editorial, 2011. p. 168.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma*. São Paulo: IVB/MuBE, 2010. p. 38.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 52.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 90.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.



O bronze *Máscara de jovem* é máscara-retrato, na qual o artista plasmou o retrato de uma jovem adolescente sereno e arredondado. O rosto de expressão alegre e serena, os olhos semicerrados e a boca entreaberta evocam face da escultura grega, período severo, na simplicidade e na pureza dos volumes lisos e suave introspecção.

Máscara de jovem (c. 1930-1934),
bronze, 36 × 13 × 17 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret e a Escola de Paris*. São Paulo: IVB/FM Editorial, 2011. p. 170.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 114.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 88-89.



No rosto do bronze *Cabeça de Graça I*, a cabeça é parte da escultura do grande nu feminino que está na Galeria Prestes Maia. Nela, Brecheret busca uma resolução própria de clareza, equilíbrio, limpidez da composição e serena beleza dos traços.

Cabeça de Graça I (c. 1940).
bronze, 50 × 30 × 25 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 134.



Na argila, Brecheret modelou os traços delicados de uma menina de três anos. Em *Cabeça de Maria Marta*, em terracota, Brecheret plasmou uma composição serena, na qual os relevos sutis se organizam com graça e a pureza da infância.

O bronze *Cabeça de Marisa* é a última obra do artista, dedicado a fazer o retrato de sua sobrinha como presente de aniversário. O escultor se aplica a modelar o gesso imprimindo as qualidades dos retratos feitos por ele: pureza, limpidez dos volumes, simplicidade e força plástica de formas, submetida a uma ordenação rigorosa e refinada.



Cabeça de Maria Marta, (c. 1946),
terracota, 40 × 20 × 18 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma*. São Paulo: IVB/MuBE, 2010. p. 50.



Cabeça de Marisa (c. 1955),
bronze, 31 × 19 × 32,5 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma*. São Paulo: IVB/MuBE, 2010. p. 53.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 106.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 88; p. 90; p. 96.

Imerso na voga da Art Déco, o escultor aborda o tema do guerreiro, forte que combate e avança! A inclinação para frente tem como contraponto a haste longa da lança que empunha com o braço direito erguido, pronto a deferir o ataque, enquanto o outro braço sustenta o escudo. O tratamento liso das superfícies do corpo, do escudo e do capacete evocam as qualidades da escultura grega arcaica do período severo. A figura atlética do guerreiro parece ser a de um grego ou espartano. Em duas cartas, Brecheret fala com entusiasmo da obra *Guerreiro* a seu amigo modernista, Antonio Carlos Couto de Barros (1896-1966). Na carta de 30 de julho de 1927 se refere ao seu propósito de começar a trabalhar na peça, que o amigo encomendara para colocar em sua chaminé. Comprendemos a disposição de a pequena peça ser de pouca espessura e a sua orientação transversal para cumprir a finalidade da encomenda.

A composição tem um eixo em diagonal ascendente, evidenciando um impulso e expressa a tensão do guerreiro prestes ao ataque, pela forma de empunhar as armas e a inclinação da cabeça, a destacar o despojamento das formas, nas quais apenas detalhes essenciais são talhados e o motivo decorativo das linhas paralelas e ondulantes, dispostas no plano do fundo.

Guerreiro (c. 1927),
pedra de França, 65 × 45 × 12,8 cm.

Bibliografia:
Cartas de Brecheret ao amigo Couto de Barros, 30 jul. 1927 e ano-novo de 1928.



Em *Torso masculino*, a figura semirreclinada apresenta uma configuração plástica dentro de moldes mais clássicos, perceptível no modelado das formas naturalistas do corpo robusto e do rosto tranquilo, cujos olhos, um pouco oblíquos, são executados por meio de fendas.

Ressalta-se a dinâmica da sucessão de volumes do tronco, em direção diagonal, reforçando a ascensão às pernas entrecruzadas. Impressionante o efeito de qualidade plástica que o artista obteve das ablações parciais deixando como inacabados da cabeça, braços e pernas.

As características do tipo humano africano, que admira no porto de Dacar por ocasião de suas viagens transatlânticas, impele Brecheret a modelar na argila *Nu masculino*.

Representa o biotipo nigeriano; as longas pernas e braços, o crânio dolicocefalo e calcanhares projetados para fora. Essa obra, cuja versão em bronze data do início da década de 1930, quando o escultor se preparava para retomar o projeto do *Monumento às bandeiras* e decide colocar um homem negro no grupo de seus bandeirantes, brancos, índios e mamelucos, como símbolos das etnias formadoras da nação brasileira.



Torso masculino (década 1930),
bronze, 26,5 × 39 × 23 cm,
coleção particular.



Nu masculino (c. 1932).
bronze, 20 × 47 × 16 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret e a Escola de Paris*. São Paulo:
IVB/FM Editorial, 2011. p. 143.

Raríssima peça no vocabulário da produção de Brecheret, representando o idílio entre um homem e uma mulher, a obra *Beijo*, em bronze polido, assume o aspecto de uma forma oval, alongada.

Destacam-se as superfícies lisas e brilhantes do bronze dourado que são quebradas por pequenas incisões horizontais, na parte média, insinuando mãos entrelaçadas. A união do homem e de uma mulher é sutilmente definida por pequenos volumes arredondados de diferentes alturas.

Beijo (c. déc. 1930),
bronze polido, 18 × 15 × 15 cm,
coleção particular.

Bibliografia:

- PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 107.
- PECCININI, Daisy. *Brecheret e a Escola de Paris*. São Paulo: IVB/FM Editorial, 2011. p. 152.
- PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 97.
- Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.
- PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 81; p. 84.



Arte indígena

Ao avançar os trabalhos do grande *Monumento às bandeiras*, no correr dos anos de 1940, Brecheret se dedica cada vez mais ao universo das formas primitivas da cultura indígena do país. Consciente da importância dos povos da terra para a formação e a expansão territorial da grande nação brasileira.

Some-se a isso a bagagem de sua experiência na Escola de Paris, onde a vertente do primitivismo foi bastante forte nas três primeiras décadas do século XX.

A fase da arte indígena de Brecheret durou as duas últimas décadas de sua vida e teve uma solidez, maturidade e qualidade que devem ser reconhecidas atualmente, como já foi em prêmios de Bienal internacional de São Paulo, prêmio de escultura nacional na primeira Bienal de São Paulo, e salas especiais em bienais seguintes.

A chamada fase das “pedras” foi o prenúncio de uma realização mais madura, visando a uma escultura orgânica. Utilizou então seixos graníticos rolados pelo mar, que recolheu na praia das Vacas, em São Vicente (SP), Depois fez incisões nesse material moldado pela natureza, num trabalho de entalhe que deu qualidade gráfica à sua obra.

Em um momento de encantamento pela simplicidade da natureza, abjurou sua bagagem de escultor da Escola de Paris, como ele escreve no catálogo da exposição da Galeria Domus, onde expôs pela primeira vez as pedras:

Brecheret, tire essa roupa de civilizado e viva um pouco de tempo conosco. Deixe todas essas sabedorias da Grécia, Roma, Paris e do atormentado século XX. Muitos escultores da velha Europa continuam esculpindo em seus ateliers, nas grandes metrópoles, onde fabricam e espalham pelo mundo uma espécie de chave que passa por tudo. E isso eu condeno. Por quê? Porque são formas amaneiradas e falsas. Falta-lhes o que nós chamamos de humano.

Ande Brecheret, mais adiante, no alto, siga aquela picada. Lá está, é uma pedra um pouco esverdeada e sugere um *Veado amarrado pelas pernas*. E assim, continue andando, andando, à procura de suas pedras.

Victor Brecheret

Veado amarrado pelas pernas (c. 1947-1948), granito rolado pelo mar, 26 × 36 × 54 cm, coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 174.



Na temática indígena, uma de suas primeiras peças, *Filha da terra roxa*, foi modelada primeiramente com terra roxa. A terracota foi exposta em 1948, na Galeria Domus, e também em 1953, na Galeria Tenreiro. Influenciado pelas pedras que coletara à beira-mar, desenvolvendo ainda um trabalho de incisão sobre a superfície.

A impressão geral é de um pequeno ídolo primitivo, sulcado por linhas entalhadas que definem, de acordo com a fantasia do artista, formas de animais, pássaros na altura das mãos, peixes na parte média e veado mais abaixo.

As incisões tomam às vezes aspectos de motivos decorativos geométricos, como três linhas paralelas em ziguezague que cortam em sentido vertical a parte superior, e ainda compõem uma série agrupada de pequenos quadrados.

A partir dessa época, sendo essa escultura uma das obras que define uma nova orientação, a utilização de sulcos será uma constante em Brecheret, seja na arte religiosa ou na indígena. Assumindo, ora o aspecto lírico de obras animais, ora o aspecto agudo linear de formas geométricas (quadrados, retângulos, dentes de lobo, losangos).

Filha da terra roxa (c. 1947-1948),
bronze, 47,5 × 18,50 × 13 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 137.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 94.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 48; p. 57.



Em *Piroga*, Brecheret traça o eixo da composição na forma da piroga e, a partir dessa massa principal se ergue numa extremidade a figura de um índio pescando um peixe, inciso na superfície frontal da embarcação, e em outra extremidade, ajustadas ao bloco de apoio da piroga, a figura da mãe e do filho indígenas.

O escultor executou ainda várias depressões circulares — crateras de lua — ao longo do eixo horizontal da obra e, através de sulcos, cortou os volumes, estabelecendo detalhes. *Piroga* participou da III e da IV Bienal Internacional de São Paulo.



Piroga (c. 1954),
bronze 35 × 97 × 17 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/
Imesp, 2011. p. 216-217.

Arte sacra

Os temas sacros estão presentes durante todo o percurso da vida do escultor. Não sendo religioso, Brecheret tinha um especial apreço pela arte sacra de determinados momentos da história da arte.

De acordo com a sua noiva francesa, Simone Bordat, ele era incansável andarilho, observador das fachadas das catedrais góticas, em diferentes zonas de Paris. Observava atentamente as esculturas e as talhas nas fachadas dos edifícios graníticos.

Grande tema da arte sacra de Brecheret foi *A Virgem com o Menino*, que o artista realizou em diferentes composições e materiais, aplicando o código formal de síntese e concentração dos volumes.

Em *Virgem*, Brecheret faz uma variante da Virgem da Apresentação, que realizará em mármore, de pé e elevando com as duas mãos o Menino Deus, enquanto gira o rosto em sinal de humildade.

Ele inova a tradição iconográfica, dispondo a Virgem de joelhos com o mesmo gesto ritual de apresentação. Com essa inovação, o escultor avança em direção à síntese formal, aglutinando os volumes, num impulso centrífugo e construindo um complexo jogo de curvas e contracurvas, que vibram sob a ação da luz nas superfícies lisas e brilhantes do bronze polido.



Virgem (c. 1923-1925),
bronze polido, 46 × 25 × 19 cm.

A composição *São Francisco com burrinho*, realizada no final na década de 1940, Brecheret contrapõe a figura do santo de sua preferência na vertical à forma do animal ao seu lado, que se desenvolve horizontalmente. O ritmo plástico da composição se apoia nos volumes cilíndricos, em que a figura do santo tem um aspecto arbóreo, reduzido a um tronco central arredondado, de onde se destacam os braços como galhos.

Ainda as incisões se desenvolvem na superfície, dando os detalhes das vestes e quebrando a monotonia na forma de oblíquas, paralelas e quadriculadas. A composição participou da I Bienal Internacional de São Paulo, mostrando o peso da arte religiosa em sua produção.

São Francisco com burrinho (c. déc. 1940),
bronze, 67 × 66 × 37,5 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 173.



São Francisco com o bandolim, da mesma época, é uma das mais ricas composições desse tema realizada por Brecheret.

A figura delicada e levemente curvada, tendo um instrumento musical pendurado às costas, exprime a singeleza e o sentimento poético pela natureza e suas criaturas de São Francisco e reforçados com as pequenas e expressivas pombas, pousadas nos ombros, mãos e pés.

O artista atinge com essa composição uma qualidade e um encantamento, bem como força plástica, na medida em que, na organicidade de formas coesas, ele insere sulcos oblíquos e incisões entrecruzadas, horizontais e verticais, inculindo-lhes vibração e tensão.

São Francisco com o bandolim (c. 1940).
bronze, 48,5 × 17,3 × 13 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 179.





Cavalos

Entre os anos de 1953 e 1954, Brecheret realiza uma verdadeira saga dos cavalos de corrida, seu ciclo de vida, de vitórias e final de carreira. Foram feitos em painéis de mármore travertino, talhados em médio relevo discreto, e hoje recobrem as fachadas de ingresso do Jockey Club de São Paulo.

No relevo *Cavalos*, de um modelo dos painéis, destacam-se os volumes despojados de detalhes que configuram os cavalos, conjugam-se a tensão e o furor da competição com a exaltação da elegância e da beleza dos animais.

Cavalos (c. 1953),
bronze, painel em médio-relevo, 45 × 73 × 13,5 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 182-185.

Desenhos

O conjunto de desenhos apresentado a seguir tem qualidade e condição singular porque prefiguram a obra escultórica que surgirá *a posteriori*. Na condição de sua singularidade, emana o frescor das aparições oriundas do subconsciente, como uma expressão primeira de forma que depois assumirão materialidade tridimensional, da obra escultórica.

Como acontece nas esculturas, o tema do nu feminino ocupa dois terços da produção de Brecheret, em desenho. Com efeito, o corpo nu da mulher guarda um erotismo essencial, de uma sensualidade natural e leve, porque estruturada mediante poucos traços, límpidos e contínuos.

Poucas vezes apresentam recursos de luz e sombra, isto é, hachuramentos ou sombreados. Entre os anos de 1920 e 1940, o artista utiliza o grafite e bico de pena e, nos anos 1950, a caneta-tinteiro. Desenhava de forma contínua e quase compulsiva, segundo testemunhos da esposa e do filho. Contam que, perto da hora das refeições, quando ele deixava o ateliê e as crianças chegavam da escola, sentavam-se à mesa à espera que a comida fosse servida, muitas vezes continuava a desenhar depois do jantar.

Ele então tomava os papéis que estavam à sua frente, cadernos de desenho dos filhos ou blocos de rascunho, papel de embrulho, envelopes usados e verso de convites, e punha-se a desenhar. Brecheret dizia que com isso “descansava”, quando, na verdade, deixava a modelagem do barro e do gesso, para fazer fluir as imagens que emergiam do subconsciente. Como relata Victor Brecheret Filho:

Lembro-me bem. À mesa, após o jantar, ele ficava horas calado, desenhando sem parar. Não eram trabalhos de um desenhista. Eram estudos, pesquisas e investigações para alcançar a figura acabada de uma nova criação. Desenhos de escultor que definiam formas, volumes ou linguagens com pouquíssimos traços. (...)

Outro aspecto importante a ressaltar é que os desenhos dos escultores têm propriedades especiais, e os de Brecheret não fogem à regra. Extraordinário desenhista, como é usual aos escultores, verifica-se que quase sempre se estruturam em linhas límpidas e determinadas.

O escultor, pela especificidade de seu processo criativo, desenvolve uma forte e determinada tensão em relação à obra. É bem conhecido o caráter do escultor, geralmente são seres mais soturnos, solitários, por causa da exigência de seu *métier*, concentrando a energia criativa no foco da proposta da obra.

Suas imagens não são divagantes nem resolvidas com tracejamentos irregulares ou descontínuos. Ao contrário, o desenho exprime com clareza e decisão o projeto, ou mesmo várias imagens de projetos. Sobre isso, Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) afirmava que “os desenhos são de valor inestimável, porque eles não só nos dão, em sua pureza, a intenção intelectual do artista, mas também traz de imediato, diante de nós, o estado de ânimo de seu pensamento, no momento da criação”.

Nesses desenhos podemos acompanhar o momento de concepção das figuras temáticas, de vários

estados de ânimo ou de fantasia, bem como os movimentos que atribuiu às figuras. Os desenhos permitem imaginar como o artista explora novos temas e ritmos num processo poético. O desenho era uma maneira de clarificar opções que tomaria *a posteriori*.

Na verdade, Brecheret atuava sobre o papel como suporte para descarregar seu fértil e original imaginário, por isso na mesma folha de papel, em muitos casos, observa-se uma variedade de imagens de diferentes temáticas que convivem.

O feminino

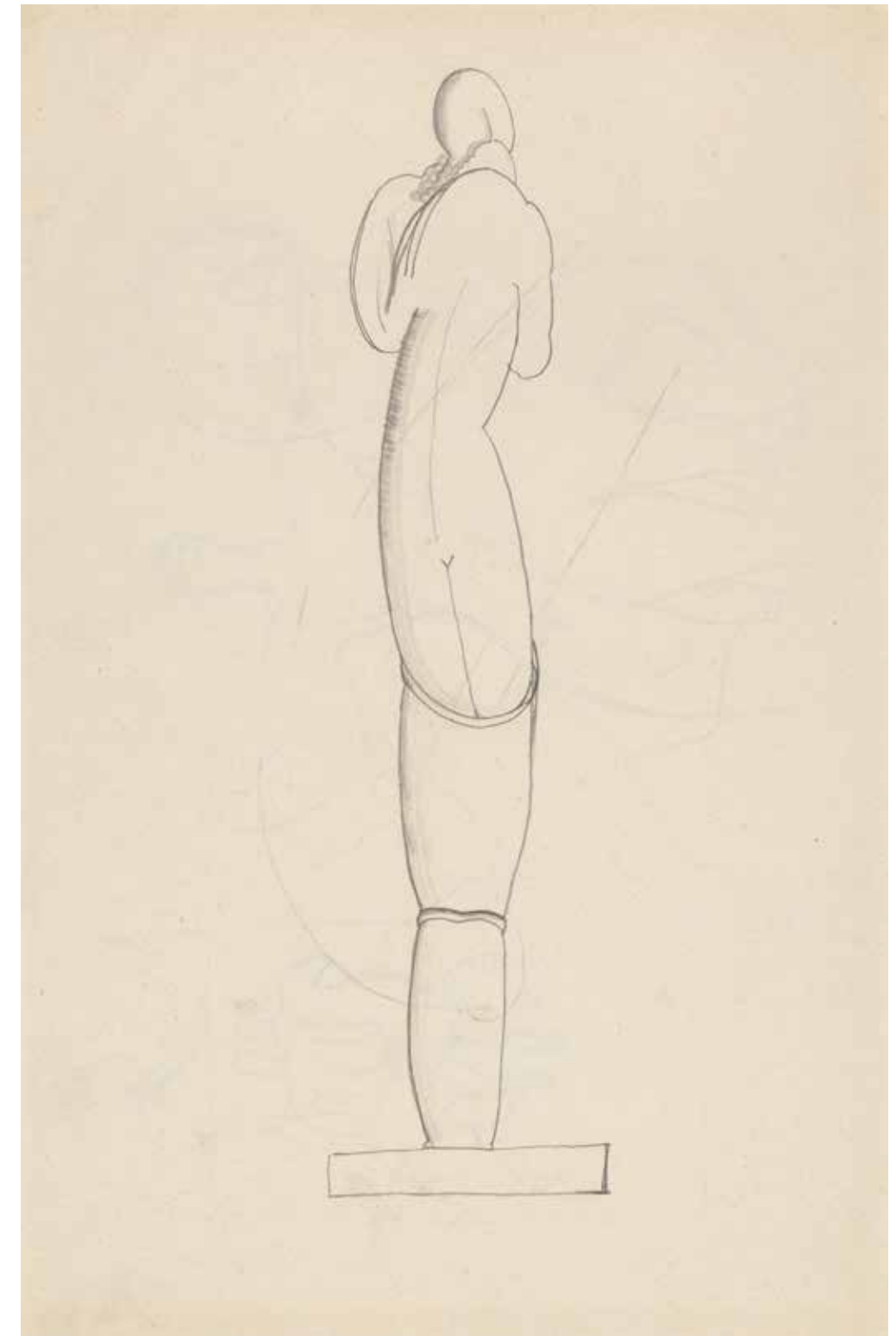
Os desenhos que tratam dos nus femininos apresentados constituem a maioria desse acervo. As mulheres desenhadas têm os atributos próprios do gênero feminino bem definido. Em geral, ocupam sozinhas, como uma imagem poderosa, a folha de papel. Algumas dessas imagens às vezes dividem o espaço da folha com outras figuras femininas em posturas diferentes.

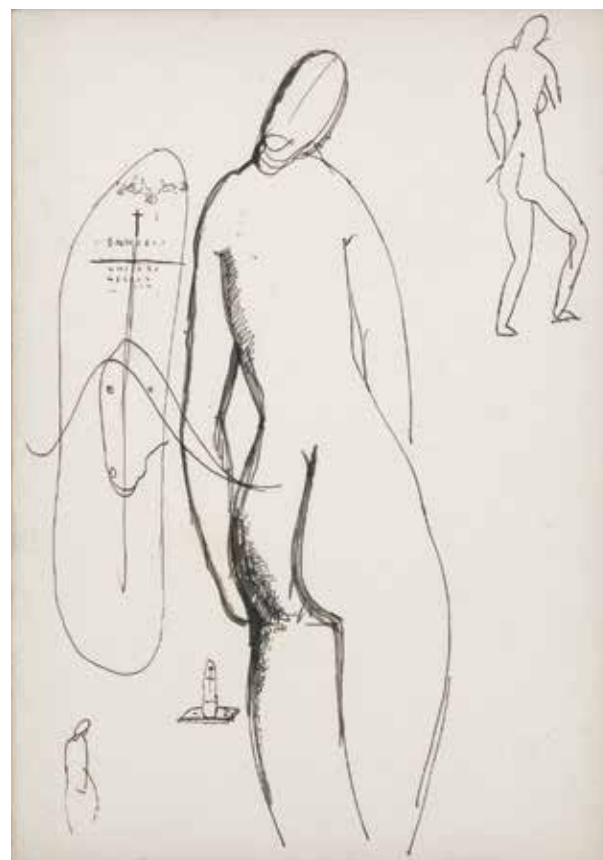
Observa-se que as mais antigas, da década de 1930, foram realizadas com lápis grafite e são dotadas de características clássicas, resultando uma apresentação estática, como as deusas gregas.

No correr dos anos 1940 e 1950, o desenho de Brecheret desenvolve uma dinâmica latente nos corpos femininos, codificando um tipo de mulher de cintura fina, seios altos, quadris ondulantes e generosos.

Dorso de adolescente (c. 1929).
grafite sobre papel, 33 × 21,5 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*.
São Paulo: IVB, 2014. p. 38.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu Correios
(DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e esculturas*.
Recife: IVB/IRB, 2015. p. 72.





Dois nus femininos (c. déc. 1950),
caneta sobre papel, 31 × 22,5 cm,
coleção particular.



Três Graças (c. início déc. 1930),
bico de pena sobre papel, 27 × 20 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo:
IVB/Imesp, 2011. p. 110.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e
esculturas*. São Paulo: IVB, 2014. p. 8.
Exposição Centro Cultural Correios (RJ), 8 out. 2014-7 dez. 2014. Museu
Correios (DF), 15 jan. 2015-15 mar. 2015.
PECCININI, Daisy. *Brecheret: mulheres de corpo e alma – desenhos e
esculturas*. Recife: IVB/IRB, 2015. p. 38.



Nu feminino sentado (c. déc. 1940),
bico de pena sobre papel, 31 × 21,5 cm,
coleção particular.



Grande nu em ¾ com três estudos em diferentes posições
(c. déc.1940), bico de pena sobre papel, 31 × 21,5 cm,
coleção particular.



Arte indígena

Os desenhos e estudos de corpos de índios muitas vezes estão mesclados com temas de outros como animais, luta de índios, cabeças femininas. Na folha de papel, destacam-se os nus hachurados. Os corpos não se apresentam estáticos, mas movimentam braços, pernas e a cabeça, que gira ou se inclina.

Estudo para temas indígenas (c. déc. 1950).
bico de pena sobre papel, 22 × 32,5 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 107.



Veado amarrado pelas pernas (c. 1947-1948).
bico de pena sobre papel, 20,5 × 26 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 174.



Onça atacando búfalo (c. déc. 1950),
bico de pena sobre papel, 23,5 × 32,5 cm,
coleção particular.



Cavaleiro laçando búfalo (estudo para drama marajoara)
(c. 1950), bico de pena sobre papel, 21,5 × 32,5 cm,
coleção particular.

Arte sacra

Desenho até o momento inédito, produzido pelo artista no período de sua formação em Roma. Um ensaio desafiador de sua capacidade de desenhista, tomando como modelo uma grande pintura de altar, realizada por volta de 1635 por Guido Reni.

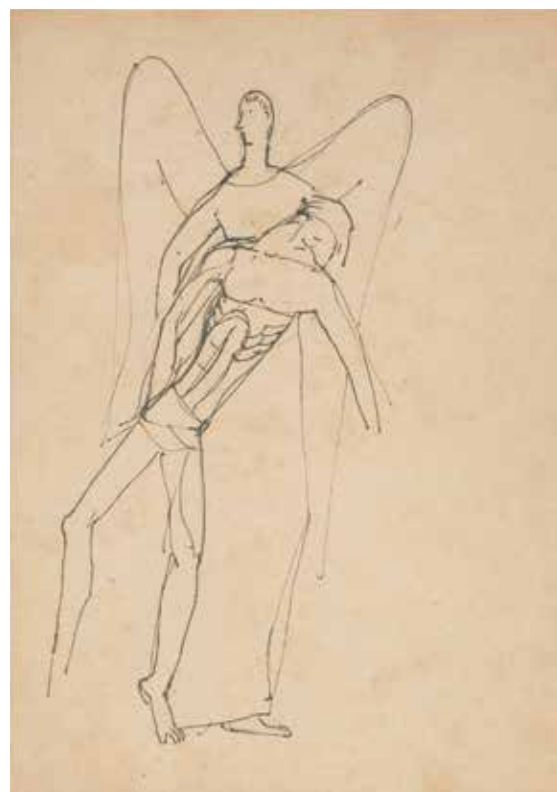
Sem dúvida, Brecheret sempre teve uma inclinação quanto a admirar obras da arte sacra, observando fachadas e interiores de igrejas. É o caso dessa obra que se encontra na primeira capela lateral à direita da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Capuchinhos, construída na primeira metade do século XVII, exemplar do barroco romano localizado na Via Veneto.

Impressiona a habilidade da transcrição fiel da pintura de sua composição da capacidade de apenas com o uso do crayon, Brecheret conseguir dar o modelado dos relevos e das depressões dos corpos e das roupagens, mantendo uma tensão e dinamismo da cena. As inscrições no desenho revelam o preceito ético do artista ao assinalar como cópia do artista Guido Reni e o lado afetivo, dedicando à sua única irmã, com quem chegou ao Brasil em 1904.

Certamente não é exercício de academia, mas uma produção de um jovem artista precocemente amadurecido, pela complexidade e alto nível de resolução. Lembrando que em 1916 é o ano em que Brecheret deixa de ser discípulo de Arturo Dazzi (1881-1966) e ocupa como escultor independente o ateliê deixado vago por Ivan Mestrovic (1883-1962), por quem tinha grande admiração.

San Michelle (c. 1916).
crayon sobre papel, 55,5 × 38 cm,
coleção particular.



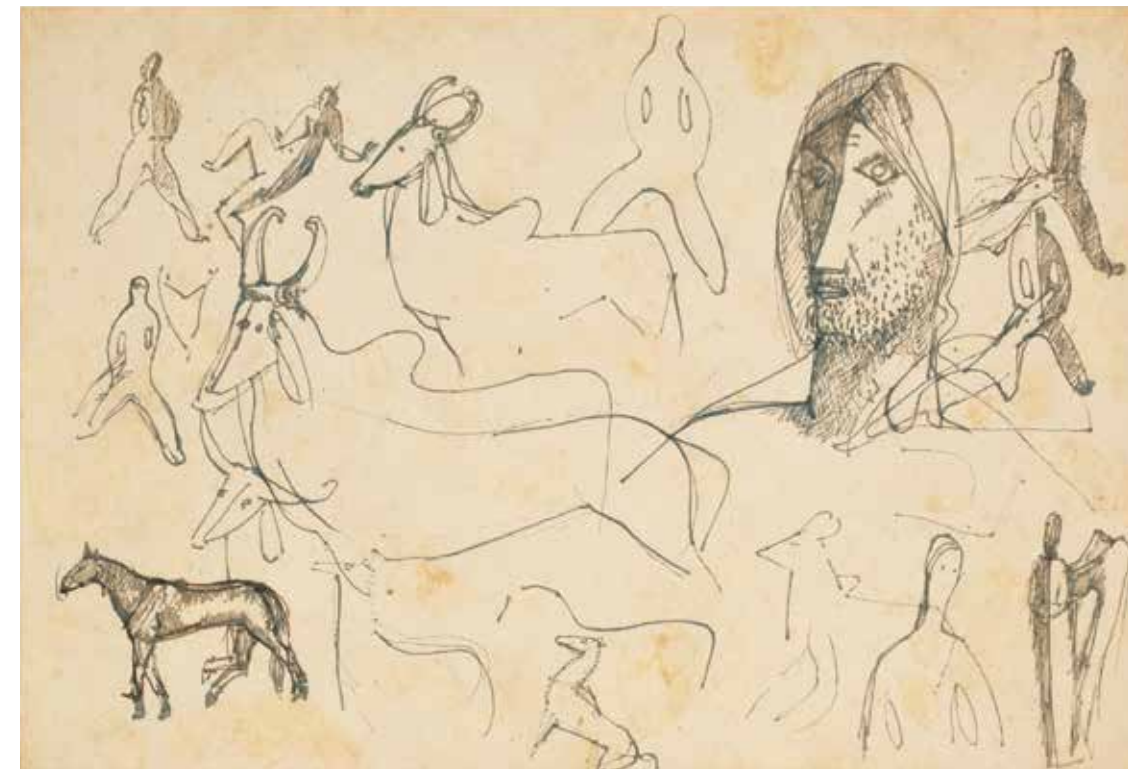


Anjo e Cristo (estudo) (c. déc. 1940).
bico de pena sobre papel, 31,5 × 21 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/
Imesp, 2011. p. 147.

Há vários desenhos que abordam o sagrado com a figuração de mulheres e homens santos. Na cultura ocidental católica, é marcada a exaltação da imagem da Virgem Maria. Apesar de não ser religioso, Brecheret era de origem italiana. Assim, desenhou várias figuras da Virgem Maria.

Geralmente, Maria é desenhada como Mãe, que protege o Filho, como em *Fuga para o Egito* e *Virgem com o Menino*. Cristo crucificado ocupa também um lugar importante em seus desenhos e, de forma singular, amarrado por um grande arcanjo. Outros desenhos são estudos de figuras de animais que têm um valor de protagonismo em sua produção de tema sacro.



Estudo de figuras para o mural da capela de Pararanga em Atibaia, SP (c. 1954),
bico de pena sobre papel, 22 × 32,5 cm,
coleção particular.



Figuras (c. 1950),
bico de pena sobre papel, 31 × 21,5 cm,
coleção particular.



Nossa Senhora com o Menino (Formas tendo um zebu aos pés) (c. 1954), estudo para escultura da capela de Pararanga em Atibaia, SP, bico de pena sobre papel, 31,5 × 21 cm, coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 191.



São Francisco (c. final déc. 1940),
bico de pena sobre papel, 32 × 22 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 178



Fuga para o Egito (c. déc. 1930),
bico de pena sobre papel, 32,5 × 21 cm,
coleção particular.

Bibliografia:
PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 101.

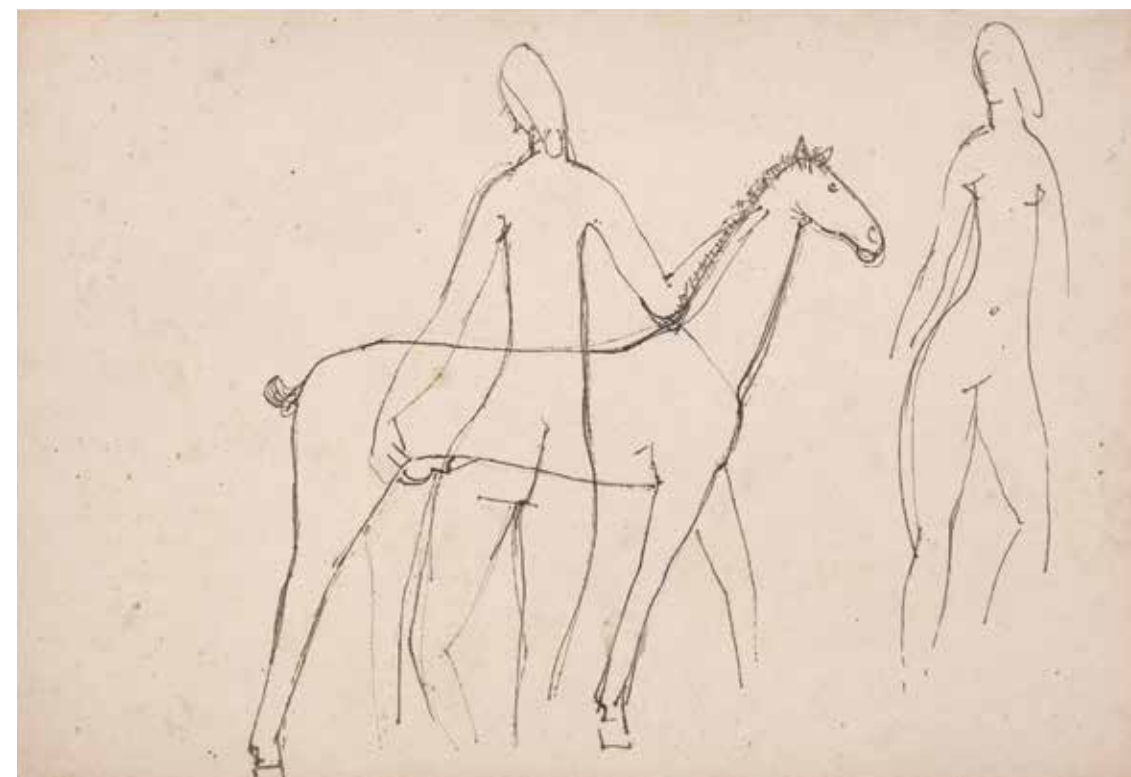


Cavalos

Tema que sempre foi sua paixão, presente em todas as décadas de sua produção dos anos 1920 aos anos 1950, os cavalos são representados em cenas heroicas, sacras e alegóricas em simples observações naturalistas.

Destacam-se, nesta exposição, os desenhos para estudo do painel da fachada do Jockey Club de São Paulo, que testemunham o peso e a importância desse tema no universo de sua criação, ao realizar um conjunto magnífico, retratando a saga heroica dos cavalos de corrida.

Cavalinhos (c. 1953-1954), estudo para painéis da fachada do Jockey Club de São Paulo, caneta sobre papel, 21,5 × 31,5 cm, coleção particular.



Duas figuras femininas e cavalo (c. déc. 1950), caneta sobre papel, 22 × 32 cm, coleção particular.

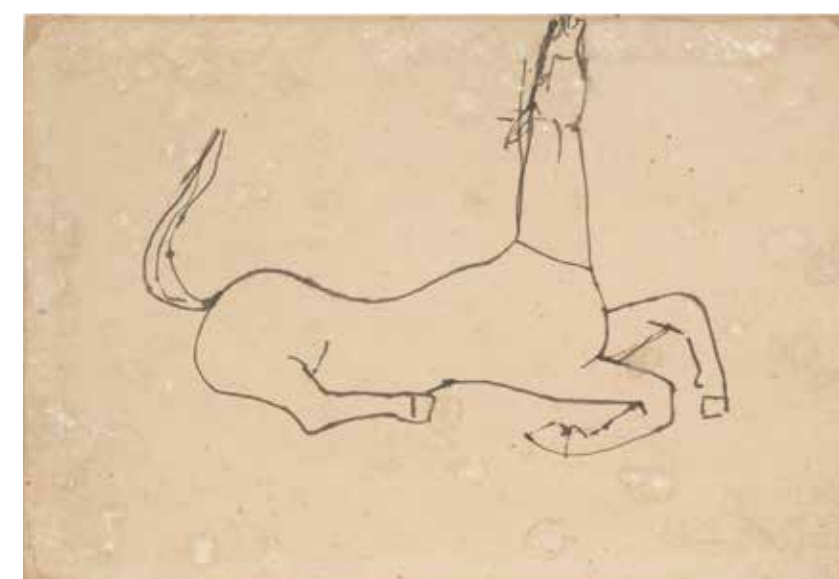


Cavalos (c. 1953-1954), estudo para painéis da fachada do Jockey Club de São Paulo, caneta sobre papel, 27 × 28 cm, coleção particular.

Bibliografia:
 PECCININI, Daisy. *Brecheret: a linguagem das formas*. 2. ed. São Paulo: IVB/Imesp, 2011. p. 220-221



Dois cavalos (c. 1953-1954), estudo para painéis da fachada do Jockey Club de São Paulo, caneta sobre papel, 22 × 32,5 cm, coleção particular.



Cavalo em descanso (c. 1953-1954), estudo para painéis da fachada do Jockey Club de São Paulo, caneta sobre papel, 22 × 32,5 cm, coleção particular.

Esculturas

O feminino, o masculino e o idílio

- 1 — *Grande torso feminino*, c. 1939. Bronze, 188,5 × 51 × 46 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 2 — *Morena*, c. 1951. Bronze, 246 × 63 × 66 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 3 — *Ídolo*, c. 1919. Bronze, 35 × 47,5 × 20 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 4 — *Cabeça de mulher*, c. 1920-1921. Pedra de França, 48 × 26,5 × 20 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 5 — *Mulher ajoelhada*, c. 1925-1926. Bronze polido, 48 × 20 × 21,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 6 — *Banhista*, c. segunda metade déc. 1920. Pedra de França, 80 × 35 × 50 cm.
- 7 — *Bailarina (Dançarina)*, déc. 1920. Bronze, 35 × 14 × 7 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 8 — *Bailarinas*, c. 1925. Bronze, 88 × 45 × 27 cm. Instituto Cultural Capobianco, São Paulo, SP.
- 9 — *Adolescente*, c. 1929. Mármore, 178 × 34 × 31 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 10 — *Três Graças*, início déc. 1930. Bronze, 37 × 15 × 13 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 11 — *Máscara de jovem*, c. 1930-1934. Bronze, 36 × 13 × 17 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 12 — *Cabeça de Graça I*, c. 1940. Bronze, 50 × 30 × 25 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 13 — *Cabeça de Maria Marta*, c. 1946. Terracota, 40 × 20 × 18 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 14 — *Cabeça de Marisa*, c. 1955. Bronze, 31 × 19 × 32,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 15 — *Guerreiro*, c. 1927. Pedra de França, 65 × 45 × 12,8 cm.
- 16 — *Nu masculino*, c. 1932. Bronze, 20 × 47 × 16 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 17 — *Torso masculino*, déc. 1930. Bronze, 26,5 × 39 × 23 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 18 — *Beijo*, déc. 1930. Bronze polido, 18 × 15 × 15 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.

Arte indígena

- 19 — *Veado amarrado pelas pernas*, c. 1947-1948. Pedra rolada pelo mar, granito, 26 × 36 × 54 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 20 — *Filha da terra roxa*, 1947-1948. Bronze, 47,5 × 18,50 × 13 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 21 — *Piroga*, 1954. Bronze, 35 × 97 × 17 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.

Arte sacra

- 22 — *Virgem*, c. 1923-1925. Bronze polido, 46 × 25 × 19 cm.
- 23 — *São Francisco com burrinho*, déc. 1940. Bronze, 67 × 66 × 37,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 24 — *São Francisco com o bandolim*, metade déc. 1940. Bronze, 48,5 × 17,3 × 13 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.

Cavalos

- 25 — *Cavalos*, c. 1953. Bronze, painel em médio relevo, 45 × 73 × 13,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.

Desenhos

O feminino

- 1 — *Dorso de adolescente*, c. 1929. Grafite s/papel, 33 × 21,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 2 — *Dois nus femininos*, déc. 1950. Caneta s/papel, 31 × 22,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 3 — *Três Graças*, início déc. 1930. Bico de pena s/papel, 27 × 20 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 4 — *Nu feminino sentado*, déc. 1940. Bico de pena s/papel, 31 × 21,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 5 — *Grande nu em ¾ com três estudos em diferentes posições*, déc. 1940. Bico de pena s/papel, 31 × 21,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.

Arte indígena

- 6 — *Estudo para temas indígenas*, déc. 1950. Bico de pena s/papel, 22 × 32,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 7 — *Veado amarrado pelas pernas*, c. 1947-1948. Bico de pena s/papel, 20,5 × 26 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 8 — *Onça atacando búfalo*, déc. 1950. Bico de pena s/papel, 23,5 × 32,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.

- 9 — *Cavaleiro laçando búfalo* (estudo para drama marajoara), c. 1950. Bico de pena s/papel, 21,5 × 32,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.

Arte sacra

- 10 — *San Michelle*, c. 1916. Crayon s/papel, 55,5 × 38 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 11 — *Estudos de figuras para o mural da Capela de Pararanga, Atibaia, SP*, c. 1954. Bico de pena s/papel, 22 × 32,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 12 — *Anjo e Cristo* (estudo), déc. 1940. Bico de pena s/papel, 31,5 × 21 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 13 — *Figuras*, c. 1950. Bico de pena s/papel, 31 × 21,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 14 — *Nossa Senhora com o Menino* (formas tendo um zebu aos pés), c. 1954 (Estudo para escultura decoração externa Capela Pararanga, Atibaia, SP). Bico de pena s/papel, 31,5 × 21 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 15 — *São Francisco*, final déc. 1940. Bico de pena s/papel, 32 × 22 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 16 — *Fuga para o Egito*, déc. 1930. Bico de pena s/papel, 32,5 × 21 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.

Cavalos

- 17 — *Cavalinhos*, c. 1953-1954 (estudo para o painel da fachada do Jockey Club de São Paulo). Caneta s/papel, 21,5 × 31,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 18 — *Duas figuras femininas e cavalo*, déc. 1950. Caneta s/papel, 22 × 32 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 19 — *Cavalos* (estudo para painéis da fachada do Jockey Club de São Paulo), 1953-1954. Caneta s/papel, 27x 28 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 20 — *Dois Cavalos* (estudo para painéis da fachada do Jockey Club de São Paulo), 1953-1954. Caneta s/papel, 22 × 32,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.
- 21 — *Cavalo em descanso*, (estudo para painéis da fachada do Jockey Club de São Paulo), 1953-1954. Caneta s/papel, 22 × 32,5 cm. Coleção particular, São Paulo, SP.



Sobre o artista

Victor Brecheret nasceu em 15 de dezembro de 1894 em Farnese di Castro, na Itália, chegando ainda menino a São Paulo, cidade que adotou como sua. É considerado um dos escultores mais importantes do país, responsável pela introdução do Modernismo na escultura brasileira, além de participar da École de Paris [Escola de Paris] e ser condecorado como cavaleiro da Legião de Honra pelo governo da França, em 1934.

Quando jovem, frequentou aulas no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, onde mais tarde, com seus aprendizes, fez uso das instalações para fundir o *Monumento a Duque de Caxias* (1945), um dos maiores monumentos equestres do mundo. Estudou em Roma, entrando em contato com as vanguardas artísticas das décadas de 1910 e 1920. Foi discípulo de Arturo Dazzi, sendo influenciado por escultores pós-Auguste Rodin, como Ivan Meštrović, e Émile-Antoine Bourdelle. Após retornar ao Brasil, ao fim da Primeira Guerra Mundial, ligou-se a Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, encantados com a modernidade de suas esculturas. Ao lado de Anita Malfatti, é considerado o precursor do Modernismo no Brasil, do pensamento vanguardista que culminou na Semana de Arte Moderna de 1922, com a exposição de vinte esculturas no saguão e nos corredores do Teatro Municipal de São Paulo.

Em 1936, o Governo do Estado de São Paulo encomendou a execução do *Monumento às bandeiras*, um projeto que havia apresentado inicialmente em maquete, em 1920, e que retomaria mais de uma década depois com sentido de grande contemporaneidade. Brecheret dedicou-se à realização desse projeto por quase vinte anos, sendo considerada sua maior obra, a qual foi finalizada em 1953, tornando-se um dos ícones da cidade. Em 1951, foi premiado como o melhor escultor nacional na I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Faleceu na cidade de São Paulo, em 17 de dezembro de 1955.

Documentos Históricos

Acervo Victor Brecheret Filho

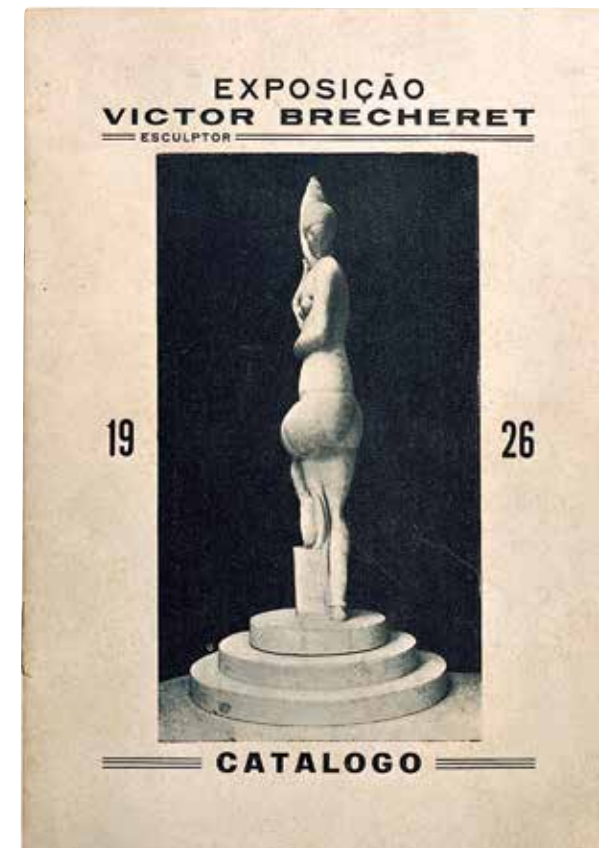


1 2 3

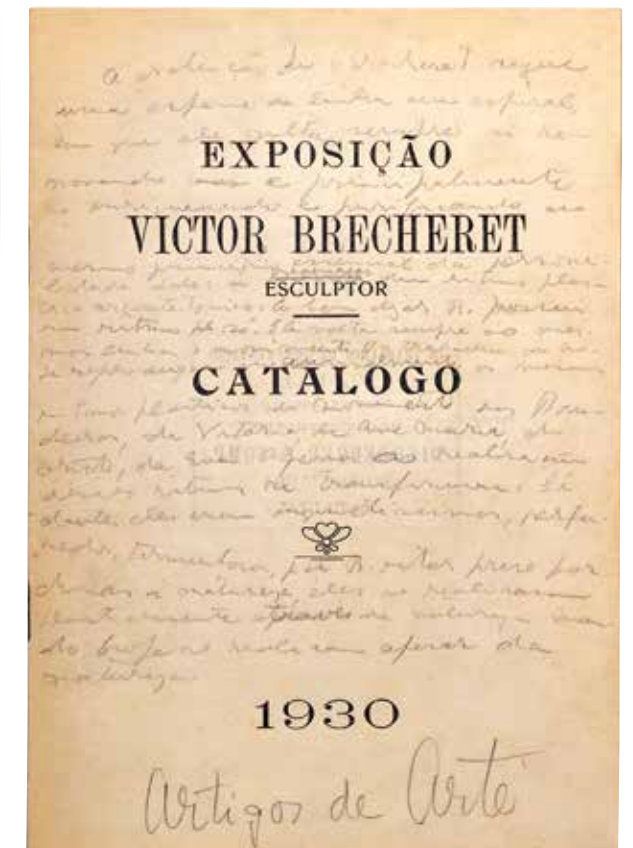


- 1 – Victor Brecheret em Roma. Foto de 12 de dezembro 1913, às vésperas de completar 19 anos.
- 2 – Brecheret no ateliê do Palácio da Indústria. *Leitura para Todos*, maio 1920
- 3 – Retrato de Victor Brecheret e fotos da obra *A volta* (1920). *Revista Ilustração Brasileira*, RJ, setembro de 1920.
- 4 – Detalhe do artigo de Monteiro Lobato "As quatro asneiras de Brecheret". Publicado em *A Noite*, 16 de abril de 1921.
- 5 – Capas dos catálogos do 14º Salão de Outono de 1921 e do 15º Salão de Outono de 1922

4



6



7



8



9

- 6 – Catálogo da exposição *Victor Brecheret Escultor*, São Paulo, 1926.
- 7 – Catálogo da exposição *Victor Brecheret Escultor*, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1930.

- 8 – Diploma e condecoração de Victor Brecheret como Cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra da França, Paris, 17 de dezembro de 1934.
- 9 – Artigo sobre *Fauno* (1942), *O Estado de S. Paulo*, 16 de junho de 1946.



10



12



14



11



13

- 10 – Vitor Brecheret – prêmio nacional de escultura da I Bienal. *O Estado de S Paulo*, 1951.
- 11 – Artigo “Brecheret na IV Bienal”. *O Estado de S. Paulo*, 1957.
- 12 – Brecheret no ateliê do Parque Ibirapuera, onde prepara a saída dos gessos modelos para entalhe em granito do *Monumento às bandeiras* — meados da déc. 1940.
- 13 – “*Monumento a Caxias*, a maior estátua equestre desta parte do continente americano”. *A Noite*, 31 de julho de 1944.
- 14 – Relevos da fachada do Jockey Club de São Paulo, 1953-1954.

- Agradecimentos
- Antonio Barbosa Souza
 - Antonio Ricardo Beira
 - Cidô Brecheret
 - Flávio José Ensina
 - Igor Queiróz Barroso
 - Ivony Ioschpe
 - Julio Cabobianco
 - Victor Brecheret Filho

DAN GALERIA

Diretores
Peter Cohn
Gláucia Cohn
Flávio Cohn
Ulisses Cohn

© Dan Galeria

Créditos

Realização
Dan Galeria

Projeto
Instituto Victor Brecheret
Dan Galeria

Curadoria
Cidó Brecheret
Daisy Peccinini

Pesquisa
Daisy Peccinini

Texto e iconografia
Daisy Peccinini

Coordenação
Andréa Vasconcellos

Projeto gráfico
Paulo Humberto Ludovico de Almeida

Fotos e tratamento de imagem
Sergio Guerini

Fotos páginas 15 e 70 (figura 14)
Romulo Fialdini

Imagens de documentos
Acervo Victor Brecheret Filho

Editoração eletrônica e produção gráfica
Ludovico Desenho Gráfico

Preparação e revisão
Todotipo Editorial

Obtenção de direitos de uso de imagem
Tempo Composto

Assessoria técnica para leis de incentivo
Luli Hunt Cidadania Corporativa

Assessoria de comunicação
A4 Comunicação

CTP e impressão
Stilgraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brecheret : encantamento e força / [curadoria] Daisy Peccinini. – São Paulo : Dan Galeria : Instituto Victor Brecheret, 2017.

Bibliografia.
ISBN: 978-85-62079-11-5

1. Arte – Exposições – Catálogos 2. Brecheret, Victor, 1894-1955 3. Escultura moderna – Século 20 – Brasil – Exposições I. Peccinini, Daisy.

17-04358

CDD-730.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Esculturas : Arte : Exposições : Catálogos 730.981

Página 68, figura 4: © Monteiro Lobato – Todos os direitos reservados

Página 69, figura 10: Artigo sobre *Fauno* (1942), *O Estado de S. Paulo*, 16 de junho de 1946. © Acervo/Estadão Conteúdo

Página 70, figura 11: Victor Brecheret – prêmio nacional de escultura da I Bienal. *O Estado de S. Paulo*, 1951. © Acervo/Estadão Conteúdo

Página 70, figura 12: Artigo Brecheret na IV Bienal. *O Estado de S. Paulo*, 1957. © Acervo/Estadão Conteúdo

Apesar de todos os esforços no sentido de identificar e localizar os titulares do direito autoral do material utilizado neste catálogo, junto a órgãos especializados do meio cultural, registros nacionais de bens culturais e outros, nem sempre tivemos resultado. Colocamo-nos à disposição para as eventuais correções e complementações que se fizerem necessárias pelo website www.dangaleria.com.br.

Capa: *Guerreiro* (c. 1927).
pedra de França, 65 × 45 × 12,8 cm.

4ª capa: *Grande torso feminino* (c. 1939).
bronze, 188,5 × 51 × 46 cm.



Rua Estados Unidos, 1638
01427-002 São Paulo SP Brasil
tel. 55 11 3083 4600
info@dangaleria.com.br
www.dangaleria.com.br



REALIZAÇÃO



IVB

INSTITUTO VÍCTOR ARSCHENET

MINISTÉRIO DA CULTURA



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-62079-11-5



9 788562 079115